

# MÍDIAS AUDIOVISUAIS E A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: PENSANDO A HISTÓRIA ANTIGA NA REALIDADE DIGITAL

José Natal Souto Maior Neto <sup>1</sup>  
Gabriela Maria Teodósio <sup>2</sup>

## RESUMO

Atualmente, vive-se uma realidade problemática de virtualização nas relações sociais em geral, a qual tem um impacto acentuado sobre a geração nascida pós-2010. Esses nascidos na era digital, desde a mais tenra idade, têm lidado com os aparelhos digitais, acessam aplicativos, realizam downloads e assistem intensamente vídeos publicados em diversos sites de streaming, de modo que essas narrativas consumidas passam a compor o imaginário desses indivíduos, estabelecendo-se enquanto elemento-possuidor da capacidade de impactar sua formação, pois ainda que de maneira implícita essas ferramentas digitais estão dentre as referências primeiras que o público infantil possui de diversos aspectos do mundo. Conquanto este possa ser um processo indesejado, trata-se de uma realidade que não podemos negar. Ao considerá-la, devemos pensar que a educação diante do ambiente digital requer uma compreensão holística dos novos tipos de linguagens dispersas na rede, e sua implicação nos processos de construção do conhecimento. Diante disso, propomos algumas reflexões: como entender esse novo contexto e seus impactos na formação de uma geração que desde cedo entra em contato com as telas? De que forma podemos ensinar história para esse público nascido numa sociedade cada vez mais imersa no ambiente digital? A fim de tentar responder essas questões, neste trabalho buscaremos ter por foco a relação das mídias audiovisuais e o ensino, para, então, afunilarmos essa discussão até o ensino de história propriamente dito, refletindo sobre a formação da consciência histórica a partir da contribuição de Jörn Rüsen (2001) e Guilherme Moerbeck (2018). Assim, traremos à baila questões sobre a História Antiga nesse meio, evocando discussões centrais a respeito da renovação dessa disciplina, buscando propor práticas que dialoguem mídia e ensino.

**Palavras-chave:** Mídias audiovisuais, Ensino, Ensino de História Antiga, Consciência histórica

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observamos o crescimento de novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDIC's), as quais ganharam uma expressão ainda maior diante do contexto da pandemia da COVID-19, quando muitos milhões de pessoas se viram na necessidade de isolamento social e o convívio com os meios digitais se apresentou, muitas vezes, como uma válvula de escape diante de uma realidade inesperada e atordoante. Concomitante a isso, as mídias audiovisuais manifestam-se em múltiplos avatares (Youtube, Youtube Shorts, Tiktok, Instagram, Facebook, Twitter, Twitch, Netflix etc.) e marcam

---

<sup>1</sup> Discente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte. Professor da Escola Municipal Pio X, de Carpina-PE. Email: [josenetosoutomaior@gmail.com](mailto:josenetosoutomaior@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade de Pernambuco, pós-graduada em Tecnologias Aplicadas à Educação e Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar. Email: [gabriela.teodosio@upe.br](mailto:gabriela.teodosio@upe.br)

presença cada vez mais em nosso dia a dia, integrando parte do lazer, trabalho e relações interpessoais.

Esse contexto nos apresenta a tonificação de uma realidade problemática de virtualização nas relações sociais em geral, a qual tem um impacto acentuado sobre a geração nascida pós-2010, “visto que já nasceram em meio a um ambiente cuja noção de tempo e espaço está sendo radicalmente reformulada” (Soares; Cardoso; Mueller, 2022, p. 3). Na atualidade, as crianças, desde a mais tenra idade, têm aprendido a manusear os aparelhos digitais, acessam aplicativos, realizam downloads de jogos e assistem intensamente vídeos publicados em diversos sites de streaming, de modo que essas narrativas consumidas passam a compor o imaginário desses indivíduos, estabelecendo-se enquanto elemento-possuidor da capacidade de impactar sua formação, pois ainda que de maneira implícita essas ferramentas digitais estão dentre as referências primeiras que o público infantil possui de diversos aspectos do mundo.

Conquanto este possa ser um processo indesejado, trata-se de uma realidade que não podemos negar. Ao considerá-la, devemos pensar que a educação diante do ambiente digital requer uma compreensão holística dos novos tipos de linguagens dispersas na rede, e sua implicação nos processos de construção do conhecimento. Diante disso, inicialmente, propomos algumas reflexões: como entender esse novo contexto e seus impactos na formação de uma geração que desde cedo entra em contato com as telas? De que forma podemos ensinar história para esse público nascido numa sociedade cada vez mais imersa no ambiente digital? A fim de tentar responder essas questões, buscaremos ter por foco a relação das mídias audiovisuais e o ensino, para, então, afunilarmos essa discussão até o ensino de história propriamente dito, refletindo sobre a formação da consciência histórica a partir das contribuições de Jörn Rüsen (2006) e Guilherme Moerbeck (2018). Assim, traremos à baila questões sobre a História Antiga nesse meio, evocando discussões centrais a respeito da renovação dessa disciplina e buscando propor práticas que dialoguem mídia e ensino

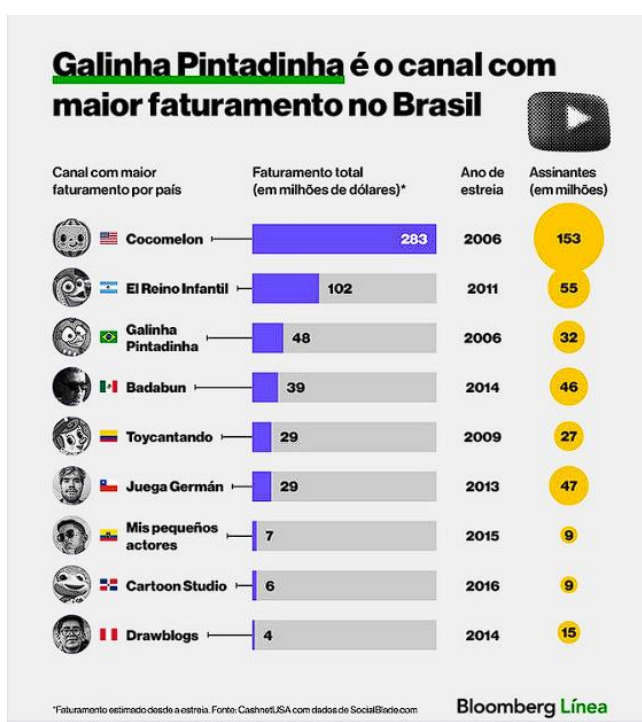
Para imergirmos ligeiramente no entendimento das mídias no processo de educação, utilizemos o Youtube como exemplo. Desde sua fundação em 2005, essa plataforma foi disponibilizada em mais de 100 países, e hoje, no Brasil pós-pandêmico, sua popularidade tem crescido exponencialmente. Conforme o banco internacional de dados Statista (2023)<sup>3</sup>, nosso país aparece em terceiro lugar do ranking de nações com maior número de usuários do site

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.statista.com/forecasts/1145585/youtube-users-in-brazil#:~:text=In%202021%2C%20YouTube's%20user%20base,app%20downloads%20and%20traffic%20data>.

2023, com cerca de 142 milhões de brasileiros assistindo ao conteúdo somente no primeiro mês do ano, tendo projeção para 2025 que indica o alcance de 166,14 milhões de usuários, dentro os quais boa parte assiste os vídeos publicados por influenciadores ou canais de música e videoclipes, o que corresponde aos três canais brasileiros com mais seguidores: KondZilla (66,4 milhões de inscritos), Felipe Neto (44,8 mi) e Whindersson Nunes (44 mi). No entanto, apesar desses números, conforme dados do Social Blade<sup>4</sup> divulgados pela Bloomberg Línea Brasil, dentre os canais com maior faturamento desde seu lançamento identificamos justamente aqueles voltados para o público infantil, e que possuem conteúdo educacional:

Imagem I - Gráfico dos canais que mais faturaram no Youtube (2023)



Fonte: [bloomberglinea.com.br](https://bloomberglinea.com.br)

Conforme vemos, praticamente todos os canais são dedicados ao público infantil, com exceção de três (Drawblogs; Juega Germán e Badabun). Dentre os outros sete, apenas um não traz conteúdo em forma de animação. Esse balanço indica que existem grupos dedicados a produzir conteúdo para um público crescente e que estará cotidianamente acompanhado os vídeos divulgados. Mas de que maneira isso afeta a educação? De acordo com Belloni (2009, p. 33-36), em seu trabalho intitulado *O que é mídia-educação*, as mídias incidem sobre processos de socialização, significação, preenchimento simbólico com imagens e construção de

<sup>4</sup> Plataforma especializada na divulgação do faturamento dos criadores de conteúdo para Youtube no mundo

mecanismos cognitivos. Além disso, são capazes de gerar aprendizagem por impregnação: penetram a consciência.

Dessa forma, podemos entender que, em grande medida, as mídias audiovisuais passaram a ocupar um espaço de orientação da cognição, sobretudo ao empregar novas técnicas de produção, armazenamento e transmissão de mensagens, utilizando recursos que a escola, por exemplo, embora seja uma instituição especializada em socialização e formação, ainda não incorporou, algo que denota a falta de adaptação às refigurações nos modos de aprender de seu público. Diante desse problema, os alunos, especialmente os mais jovens, podem ficar à mercê de narrativas construídas por grupos que, ao ter por foco o faturamento, não possuem comprometimento com a qualidade do que é lançado nas redes.

### **MUSA MODERNA, EM MÍDIAS SE APROFUNDA, CULTURA DIGITAL, FORMANDO A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA DAS TELAS ORIRUNDAS.**

No palco da mente, onde a luz do pensamento dança,  
Mídia surge, como uma musa moderna, avança.  
Cognição moldada, em pixels e ondas de som,  
Novos tempos e mudança, em cada clique, um tom.

A era digital causou um forte impacto na formação das pessoas, transformando a maneira como construímos nossa cognição, nosso entendimento de tempo e espaço. O fato é que nosso passado mudou. As novas tecnologias modificaram a forma da documentação histórica, criaram acervos digitais e diferentes maneiras de construir narrativas históricas foram formuladas e propagadas em escala e velocidade surpreendentes, criando uma história digital, a qual pode ser compreendida como

todo o complexo universo de produções e trocas sociais tendo por objeto o conhecimento histórico, transferido e/ou diretamente gerado e experimentado em ambientação digital (pesquisa, organização, relações, difusão, uso público e privado, fontes, livros, didática, desempenho e assim por diante) (Monina, 2013 apud Noiret, 2015, p. 33)

Essa história digital é construída a partir dos efeitos do que costumamos chamar de cultura digital, a qual ganha forma a partir de 2005, com a internet 2.0, e se configura justamente nas mudanças de interação com as pessoas e com o meio em que se vive, através do uso das tecnologias chamadas de digitais. Esse novo ambiente reconfigurou não apenas o trabalho dos historiadores, mas criou um espaço em que as produções desses profissionais disputam com outras formas de produzir conhecimento sobre o passado. ainda que muitas delas sejam questionáveis.

Em meio a uma sociedade imediatista, cada vez mais acostumada com a rapidez, essas novas formas de narrar o passado acompanham a velocidade do formato-narrativo comum nas mídias audiovisuais da atualidade, de modo que um youtuber, por exemplo, que faz conteúdo sobre história, pode alcançar um público bem maior do que o das produções construídas por historiadores profissionais e, portanto, possui um poder ainda maior de impactar a compreensão sobre o passado, criando novas referências, percepções e dando um diferente sentido as ações dos indivíduos no tempo. Ou seja, pode impactar a consciência histórica de milhões de pessoas.

A fim de entendermos melhor como esse processo ocorre, é de suma importância discutirmos sobre o que é a consciência histórica. Para trazermos à luz uma compreensão desse conceito, torna-se necessário destacarmos a produção do historiador e filósofo alemão Jörn Rüsen, cujos trabalhos se direcionam aos campos da teoria e metodologia da história, da história da historiografia e da metodologia do ensino de história. Conforme o autor, existe uma rica e variada discussão alemã sobre a consciência histórica, a qual ele busca sumarizar em três pontos centrais. O primeiro, evoca a noção de que a consciência histórica não pode ser meramente equacionada como simples conhecimento do passado:

“A consciência histórica dá estrutura ao conhecimento histórico como um meio de entender o tempo presente e antecipar o futuro. Ela é uma combinação complexa que contém a apreensão do passado regulada pela necessidade de entender o presente e de presumir o futuro.” (2006, p. 14).

Ou seja, é um termo que reúne elementos fundamentais para o entendimento que possuímos sobre a relação entre as temporalidades, algo primordial para nossa orientação no tempo e espaço. O segundo mote destacado pelo autor pondera que “a consciência histórica pode ser analisada como um conjunto coerente de operações mentais que definem a peculiaridade do pensamento histórico e a função que ele exerce na cultura humana” (Rüsen, 2006, p. 14-15). Essas “operações mentais”, por sua vez, também são construídas pelas narrações históricas, pois bem como destaca Maria Auxiliadora Schmidt (2017, p. 62), a narrativa da história compõe forma e função da aprendizagem histórica, e esta tem por finalidade a construção da consciência histórica.

É importante entender que a narração histórica não é formulada apenas por um grupo específico de pessoas –historiadores por exemplo –, trata-se de um “procedimento mental básico que dá sentido ao passado com a finalidade de orientar a vida prática através do tempo” (White, 1978; Ricoeur, 1978 *apud* Rüsen, 2006, p. 15), é, portanto, algo comum a todo ser humano e que é desenvolvido a partir das experiências vivenciadas, o que inclui os contatos

com a diferentes narrativas sobre o passado, as relações com as outras pessoas e a compreensão singular que cada um constrói de si mesmo e do outro.

A partir dessa noção, podemos nos direcionar ao terceiro ponto, cujo foco é justamente as funções práticas que a consciência histórica cumpre na orientação da vida através da estrutura do tempo (Rüsen, 2006, p. 15-16), algo que deve ser analisado e considerado ao pensarmos nos modos como a consciência histórica tem um papel indispensável não só ao conhecimento histórico. como também a nossa vida.

Pensando nessas questões, torna-se mais fácil compreender que, conforme o contato com diferentes formas de processar o passado surgem, nossa consciência histórica também é afetada. Narrativas da história, fabricadas com ferramentas, perspectivas, velocidades e dinâmicas diferentes, irão produzir percepções igualmente díspares. Sob essa dinâmica, nossa história tem se reconfigurado como um algoritmo, o qual com as novas ferramentas digitais ganha projeções que podem ser utilizadas para a formação de uma consciência histórico-crítica – sobre a qual falaremos mais adiante –, mas também pode ser utilizada por grupos que, no anseio de atender a uma agenda política, organizam-se e utilizam-se desses instrumentos para construir narrativas que se caracterizam a partir de abusos, revisionismo e negações da história.

## **RISCOS GRAVES, NA HISTÓRIA OS DESVIOS: PELOS MEIOS VISUAIS, ABUSOS E NEGAÇÕES EM FIOS**

Enquanto espaços formais de ensino caminham a passos lentos no que diz respeito ao uso dos recursos digitais, estes aparatos são utilizados diuturnamente para propagar narrativas históricas de modo a atingir amplas audiências. Esse tipo de tratamento do passado é denominado pela historiadora Sônia Menezes (2019, p.70), em seu texto por título *Uma história ensinada para Homer Simpson*, de “produção midiática de história”. Esta, afirma a autora, tem uma dupla característica que é, ao mesmo tempo, consumo e produção. Consumidora e produtora de história, que instrui sobre o passado, e que também tem relação com apropriação conservadora sobre o passado.

No ano de 2016, no Brasil, foi inaugurada uma empresa multimídia por nome de “*Brasil Paralelo*”, a qual afirmar ter conteúdo voltado para entretenimento e educação. Desde sua fundação, seus responsáveis têm utilizado de diversas plataformas para publicar vídeos com



conteúdo histórico, fazer divulgação de *e-books*, propagar notícias, etc. Em seu site oficial, na aba “sobre nós”, lemos:

“Tudo começa com um propósito. O nosso? Resgatar *bons valores*, ideias e sentimentos no coração de todos os brasileiros.”

“Somos orientados pela busca da *verdade histórica*, ancorada na *realidade dos fatos*, e *sem qualquer tipo de ideologização na produção de conteúdo* (Paralelo, Brasil. 2023, grifos nossos)<sup>5</sup>

Ao que é dito, cabe algumas reflexões. Apesar de se autoafirmarem livres de “qualquer tipo de ideologização”, no seu canal do Youtube, atualmente com mais de três milhões de seguidores, o *Brasil Paralelo* publicou um vídeo por título “A censura durante o regime militar”<sup>6</sup>, no qual vemos figuras declaradamente conservadoras, como Olavo de Carvalho, relativizarem a censura durante o AI-5, afirmando que era “pouco profissional”, não impedindo o andamento do que “realmente importava para o país” e dava “certo moralismo na terra do pornô chanchada”. A partir de afirmações tendenciosas fazem revisionismos e negações da história, construindo narrativas que não condizem com os estudos históricos (Cf. Fico, Carlos, 2007; Rezende, Maria, 2013), com isso estabelecem uma

apropriação reativa que se vale de uma linguagem atualizada, criativa, mas que tem como objetivo desequilibrar procedimentos de reflexão sobre os processos históricos, desqualificar o papel do professor e de pesquisas históricas que não atendam as demandas políticas e os interesses desses novos produtores. (MENEZES, Sônia, 2019, p. 70).

Além desse exemplo, em vídeo com título “Conheça a emocionante origem da civilização ocidental”<sup>7</sup>, publicado seis dias após o outro já citado, o *Brasil Paralelo* traz uma produção chamativa, com imagens e fundo sonoro editados de modo a cativar o público, somado a uma narração que afirma: “a escrita nasceu para mudar a nossa história”, e que foi a partir de sua invenção “quando começamos a herdar o conhecimento da humanidade”. Em outros termos, a narrativa estabelece a escrita como marco da produção e conservação do conhecimento da humanidade, relegando, portanto, uma posição subalterna aos saberes das sociedades ágrafas, deixando implícito que “herdamos” apenas o que foi registrado através da escrita. Ademais, destacam ainda que a “filosofia grega, o Direito Romano, a moral judaico-cristã e a experiência acumulada pelos nossos ancestrais fazem parte de nós. Essa é a herança que chamamos de civilização ocidental”. Ao trazerem essas afirmações, constroem uma narrativa da história sem considerar que a civilização grega (e a tradição cristã) e sua história

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.brasilparalelo.com.br/sobre?utm\\_medium=ebooks](https://www.brasilparalelo.com.br/sobre?utm_medium=ebooks) Acesso: 23/06/2023

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IF2BKqK9kCU&t=222s>. Acesso: 23/06/23

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=gz\\_bHpDrJDo](https://www.youtube.com/watch?v=gz_bHpDrJDo). Acesso: 23/06/23

foram redefinidas para serem menos orientais e africanas, mais europeias. Foram, assim, apropriadas como herança exclusiva da Europa Ocidental (Sovik, 2009, p. 57).

De modo geral, ao se referirem à “civilização ocidental” trazem uma gama de concepções eurocêntricas e que, de certo modo, formaram a base do campo disciplinar da História Antiga, o que tem sido alvo de fortes críticas pelos historiadores na atualidade. Dan-el Padilla Peralta, por exemplo, professor associado da Universidade de Princeton, que pesquisa e ensina a República Romana e o início do Império, bem como a recepção clássica nas culturas contemporâneas americana e latino-americana, enquanto pesquisador negro que afirma ser descendente de africanos ocidentais, baseia-se na definição de *epistemicídio* proposta pelo teórico pós-colonial português Boaventura de Sousa Santos, ao propor um afastamento

“(…) consciente e metodicamente dos estilos de aprendizagem e hábitos epistêmicos do Ocidente Euro-Americano e do Norte Global, abraçar “epistemologias do Sul Global”, numa retificação parcial do epistemicídio histórico e contínuo a que as comunidades do Sul Global e os povos marginalizados do Norte Global têm sido sujeitos” (2020, p. 154, tradução nossa)<sup>8</sup>

É aponta um caminho válido, consciente e que tem ganhado forças na atualidade. No entanto, faz-se necessário destacar que não se trata de uma visão única sobre os problemas que envolvem a História Antiga. O historiador Gilberto da Silva Francisco, possui uma perspectiva diferente a respeito dessas questões. O autor é um classicista negro brasileiro, professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo, vice-coordenador do curso de especialização *Áfricas e suas diásporas*. Além disso, é especialista em Arqueologia grega e História Antiga Afroconectada e Membro Sênior (*ancien membre*) da Escola Francesa de Atenas, responsável pelo projeto “Heraion de Delos”<sup>9</sup>. Ele tem se dedicado a trazer reflexões sobre *O Lugar História Antiga no Brasil* (2017), destacando que embora seja encarada como uma disciplina imperialista, já que disseminou uma narrativa focada em processos europeus como influenciadores de fenômenos globais, há em vigor uma reformulação da disciplina, que traz propostas cada vez menos imperialistas.

A reorganização do campo, amiúde, é denominada de “História do Mediterrâneo Antigo”. Assim, ela deixa de ser tanto uma história generalista e universal como uma história clássica. Isso faz com que as partes do mundo que não participaram efetivamente da História Antiga deixem de ser necessariamente periféricas e se tornem espectadoras de uma experiência

---

<sup>8</sup> “(...) consciously and methodically departing from the learning styles and epistemic habits of the Euro-American West and Global North, embrace “epistemologies of the Global South,” in partial rectification of the historic and ongoing epistemicide to which communities in the Global South and marginalized peoples in the Global North have been subjected”

<sup>9</sup> Disponível em: [Gilberto da Silva Francisco | Escavador](#)



alheia, o que não deixa de ser, como pontua Gilberto Francisco (2017), um exercício de alteridade. Consideremos ainda que:

Essa situação parece ter especial importância por dois motivos. O primeiro é a base da crítica à História Antiga. Em termos panfletários, pode-se dizer que ela não nos serve, que ela é necessariamente imperialista, que ela contribuiu para a organização de uma identidade periférica na maior parte do planeta, inclusive no Brasil. Muitos desses argumentos são bastante válidos, mas sua validade é parcial. A História Antiga vem mudando e essas mudanças apresentam um forte componente autocrítico. Por exemplo, a perspectiva racista dos Estudos Clássicos ao longo do século XIX e XX, apresentada por Martin Bernal (1990), ainda é tema de debate e promoveu uma ampla reflexão sobre alguns critérios narrativos da História Antiga. O que quero dizer é que a crítica estabelecida à História Antiga (se ela é importante ou não para nós) deveria partir de um conhecimento mais profundo do campo. Sem isso, restam apenas impressões um tanto desatualizadas sobre ela, o que afeta sensivelmente a qualidade do argumento crítico (FRANCISCO, 2017, p. 55–56).

A perspectiva desenvolvida pelo autor é modelada a partir de uma consciência crítica em relação à História Antiga. Atualmente, é mais aceita a ideia de que não é possível elaborar narrativas em termos exclusivos de uma herança cultural. Isto é: sabe-se que não existe uma linha direta entre o mundo contemporâneo e o antigo. O fato de existirem elementos “antigos” presentes no cotidiano atual não significa que a contemporaneidade seja herdeira dos gregos e dos romanos, como dito pelo Brasil Paralelo; talvez signifique, contudo, que tenha herdado um projeto moderno europeu que estabeleceu uma trajetória civilizatória a partir da História Antiga. Nesse sentido, devemos considerar que o afastamento desse processo funciona como uma nova tomada de posição: a própria noção de periferia pode ser reavaliada (FRANCISCO, 2017, p. 55-57). Assim, um dos desafios para a historiografia do século XXI é romper com a concepção de História Antiga como parte de uma história universal e como ponto de partida para o estudo da civilização ocidental. Será imperativo refletir de forma mais global os processos de integração realizados no Oriente Médio e no Mediterrâneo entre os séculos X AEC e V EC interligando África, Ásia e Europa. Em uma frase: é preciso repensar a perspectiva eurocêntrica e linear da História Antiga, bem como a sua leitura a partir de conceitos como civilização, nação e progresso. Ou seja, é preciso que o campo ganhe uma dimensão maior, com perspectivas que ajudem a estabelecer autocríticas do meio, buscando renovar as propostas e alimentar uma consciência histórica crítica sobre a Antiguidade.

Esse exercício implica reconhecer que, em meio a uma era digital, essa visão tradicional da História Antiga continua tendo peso e sendo difundida por mídias que alcançam um público enorme, o que torna urgente a necessidade de entendermos as potencialidades dos recursos tecnológicos, questionar seus usos supostamente assépticos, ditos sem influência de

ideologizações. Cabe, sobretudo, despertar em nossos alunos e alunas um senso crítico necessário ao lidar com as diferentes formas de processamento do passado. Talvez esse seja um dos caminhos a seguir.

## REFERÊNCIAS

FICO, Carlos. **Censura e propaganda**: os pilares básicos da repressão. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs). **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (p. 167 – 201).

FRANCISCO, G. da S. **O lugar da história antiga no Brasil**. Mare Nostrum, v. 8, n. 8, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/138860> Acesso em: 19 jun. 2023

MENEZES, SÔNIA. **Uma história ensinada para Homer Simpson**: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade. Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 66-88 – 2019.

MOERBECK, Guilherme. **História Antiga no ensino fundamental: um estudo sobre os mitos gregos**. Revista História Hoje, v. 7, nº 13, p. 225-247 – 2018

NOIRET, Serge. **História pública digital**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio 2015

PERALTA, D, P. **EPISTEMICIDE: THE ROMAN CASE**. Cássica. v. 33, n. 2, p. 151-186, 2020. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/934/824> Acesso: 18 jun 2023

Rezende, Maria José de., **A ditadura militar no Brasil**: repressão e pretensão delegitimidade : 1964-1984 [livro eletrônico] Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/> Acesso: 22 jun. 2023

RÜSEN, Jörn. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis educativa**, v. 1, n. 02, p. 07-16, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. “Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história”. In: **Sentido e Relevância da História no Mundo Contemporâneo**. Intelligere: Revista de História Intelectual, 2017. pp. 60-76.



SOARES, F.; CARDOSO, V.; MUELLER, A. **CULTURA INFORMACIONAL VIRTUAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRE A PRÁXIS E AS IDENTIDADES.** Educ. Soc., Campinas, v. 43, 2022.

SOUZA, F.; MOERBECK, G. **Cultura digital e competência narrativa nas humanidades: os arquivos como redes e as redes como arquivos no trabalho escolar.** Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n. 32, p. 208-230, 2023.

SOVIK, L. **Aqui ninguém é branco.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.